

D’OTTAVI, G.; HÉROUT, R. Benveniste nas entrelinhas. Contribuição para o estudo do imaginário linguístico dos linguistas. Tradução de Alena Ciulla. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

BENVENISTE NAS ENTRELINHAS. CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO IMAGINÁRIO LINGUÍSTICO DOS LINGUISTAS¹

Benveniste between the lines. Contribution to the study of linguists’ linguistic imagery

Giuseppe D’Ottavi

Raphaëlle Hérout

RESUMO: Os trabalhos de Benveniste desenvolvem diferentes ramos teóricos que, além de seus graus de tecnicidade, fazer emergir uma visão do corpo imaginário da língua, o qual se tem tradicionalmente deixado de lado. Ora, essa relação com o imaginário da língua nos parece pertinente em uma abordagem epistemológica, na medida em que revela a circulação das ideias e das fontes que alimentam a consciência da língua. Propomos uma releitura dos trabalhos de Benveniste, a partir dos trabalhos de J.-C. Milner e F. Provenzano, refletindo sobre o imaginário político em ação em Benveniste, da maneira como um certo imaginário literário e político atravessa seus textos e se manifesta “nos e por” seus escritos linguísticos. Mais particularmente, são as figuras de Artaud e Sartre que nos permitirão elucidar uma parte do imaginário linguístico em jogo na obra de Benveniste.

Ao sondar os sistemas das línguas, as teorias linguísticas veiculam representações que contribuem para a constituição dos saberes linguísticos. Ou seja, a linguística, ainda que estabelecida na ciência, com critérios de cientificidade e protocolos de análise, é, nos termos de François Rastier, um observatório da língua². É essa noção de observatório que queremos interrogar. Partimos da premissa de que o discurso linguístico está enraizado em uma prática e em um imaginário da língua, dos quais é possível, às vezes, refazer os contornos, e de que esse imaginário poderia fazer parte da compreensão e de certa perspectiva das teorias linguísticas. Para tanto, subscrevemos ao que afirma François Provenzano, para quem “o discurso da linguística, como o de outras disciplinas científicas, é atravessado por um *imaginário* que se lê nas *palavras* dos linguistas” (2014). Desejamos, neste artigo, examinar as

¹ Artigo publicado nos anais do Congrès Mondial de Linguistique Française, 2018, publicado pela EDP Sciences, com livre acesso, sob os termos da Creative Commons Attribution License 4.0. Quanto à tradução, os próprios autores do artigo a autorizaram.

² Rastier (1998).

palavras de Émile Benveniste e elucidar o imaginário linguístico que delas emana, considerando que o autor oferece a leitura de uma representação do “homem na língua”.

1. PODEM OS LINGUISTAS ESCAPAR DE SEU IMAGINÁRIO LINGUÍSTICO?

Quando formalizou seu conceito de imaginário linguístico, Anne-Marie Houdebine (2002) dedicava-se ao estudo da representação de uma língua por seus locutores, conforme critérios linguísticos e, mais exatamente, *via* discurso dos sujeitos falantes sobre os usos da língua – esses discursos, sendo considerados como portadores de julgamentos positivos ou negativos, raramente neutros³. A análise desses discursos tinha por objetivo demonstrar que as representações, em um jogo retroativo, constituem um fator de evolução da língua, que pode ser apreendido em um estudo linguístico e sociolinguístico.

Se a questão se coloca para os locutores, parece-nos que se coloca igualmente quando o locutor é ele mesmo um linguista. Haveria um imaginário linguístico do linguista que agiria não mais sobre a língua, mas sobre a teoria que explica o que é a língua? Todo ato teórico seria informado por um imaginário estruturante? Ou, invertendo os termos desta interrogação, pode-se imaginar uma teoria que não seja fruto de um imaginário *princeps*? A questão é ampla e ultrapassa o escopo de nosso estudo. Contudo, é ela que nos guiará para ponderar sobre a produção linguística de Benveniste; não se trata aqui, evidentemente, de colocar em dúvida os critérios de cientificidade, nem de se distanciar do caráter técnico de suas pesquisas, mas, ao contrário, de conjugá-los em uma forma de subjetividade irreduzível, que é a do imaginário da língua.

Se compreendermos, com Marie-Louise Moreau, o imaginário linguístico como “o estudo das *representações subjetivas* (das *mentalidades*)” (1997, p.166) sobre a língua, podemos legitimamente nos perguntar qual é a parte ativa dessas “representações subjetivas” no discurso linguístico. O quadro teórico seria suficiente para suplantar essas representações, que são, elas mesmas, em parte, informadas pela linguagem, como explicitou Edgar Morin, no tomo 3 de seu *Método*:

toda representação é acompanhada explícita ou implicitamente de palavras e ideias que, por sua vez, exercem sobre ela suas análises e suas sínteses.

³ Houdebine (2002).

Assim, a representação é conhecedora, conhecível, analisável, descritiva por um espírito-sujeito que, além de tudo, ao intercambiar suas informações e descrições com outros espíritos-sujeitos, pode melhor objetivar e enriquecer sua percepção e, neste sentido, verificar seu conhecimento do mundo exterior. (MORIN, 1986, p.106)⁴

As representações como meio de “conhecimento do mundo exterior” – decorrentes do conhecimento “espontâneo”, tradicionalmente oposto ao conhecimento “científico” – contribuem, portanto, para uma construção social da realidade. Por conseguinte, convém questionar o que é a “realidade” da teoria linguística. O real da língua pode ser apreendido fora de um imaginário, fora dessas representações? A subjetividade pode ser uma causalidade na elaboração de uma teoria linguística? Pensamos que sim e pretendemos analisar as imagens disseminadas na obra de Benveniste à luz da teoria do imaginário linguístico pensado como:

relação do sujeito com a língua, a sua e a da comunidade que o integra como sujeito falante-sujeito social, ou a daquela em que ele deseja estar integrado, pela qual ele deseja ser identificado pela sua fala e na sua fala; relação enunciável em termos de imagens, participando das representações sociais e subjetivas, ou seja, por um lado, das ideologias (vertente social) e, por outro, das imaginárias (vertente mais subjetiva). (HOUDEBINE, [1979]2002, p.10)

Pretendemos, portanto, investigar os traços das representações que dão corpo à linguística benvenistiana. Se admitimos que o imaginário político de Benveniste, via um engajamento marxista, estava em ação em seus escritos, conforme afirma Jean-Claude Milner (2002) em um dos ensaios que compõe o seu *Périple estrutural*, parece-nos plausível supor que este imaginário político se desdobra de um imaginário cultural, alimentado de referências literárias que ancoram firmemente a teoria benvenistiana em um certo campo epistêmico. Nosso estudo se pretende, então, como uma maneira de colocar a questão das representações investidas em uma teoria, qual seja, a da presença da língua e da sociedade na teoria.

2. BENVENISTE APÓS A REVOLUÇÃO

Debruçar-se sobre as palavras dos linguistas para determinar os fundamentos de suas representações, para apreender o modo como é constituído o “corpo imaginário” de suas línguas, é, antes de tudo, considerar essas palavras “no poder de

⁴ N. do T.: a tradução desse trecho citado e de todas as outras citações são de responsabilidade da autora desta tradução.

seu significante, e não unicamente como conceitos fundadores de uma teoria” (PROVENZANO, 2014). Isso quer dizer que a palavra estrutura as representações do sujeito e pode revelar diferentes estratos significantes que vão cristalizar um imaginário. É, portanto, a atualização dessas palavras particulares, reveladoras de um imaginário cultural a ser lido nas entrelinhas, que visamos abranger, a partir do caminho indicado por Provenzano⁵. De fato, ainda que este último tenha definido bem o plano de fundo intelectual que presidiu a emergência da teoria da enunciação de Benveniste, falta conduzir um trabalho por outras vertentes de sua obra: “na história das ideias linguísticas, a virada dos anos 1960-1970 foi marcada na França pelo paradigma estrutural saussuriano, indexado (...) na teoria marxista, a serviço de uma crítica da ordem social burguesa” (PROVENZANO, 2014). Julia Kristeva analisa a situação em termos semelhantes:

na época em que Benveniste dava suas *Últimas aulas*, a ideia, segundo a qual a linguagem determina os humanos de uma outra maneira e de maneira mais profunda do que o fazem as relações sociais, começava a se tornar um pensamento perigoso: uma verdadeira revolta contra as convenções, a “ordem do estabelecido”, o “Estado policial”, o marxismo doutrinário e os regimes comunistas. Em Varsóvia, na Itália, na Tchecoslováquia, nas repúblicas balcânicas, então soviéticas, e em outras, a *semiologia* era sinônimo de liberdade de pensar. (KRISTEVA, 2012, p.33-34)

Mas esta crítica da ordem social burguesa havia começado nos meios intelectuais e artísticos bem antes dos anos 60 e Benveniste estava a par disso, ele que havia colocado sua assinatura em vários tratados coletivos de caráter contestador. Se Benveniste não hesita em associar sua voz a reivindicações anticolonialistas e libertárias da época, convém se perguntar se os seus escritos continham traços dessa visão do mundo. O que nos interessa é, de um ponto de vista epistemológico, a maneira pela qual isso permite estabelecer ligações, às vezes tênues, às vezes robustas, com um ambiente intelectual de ramificações variadas.

⁵ O trabalho de Provenzano se insere no quadro de um programa de pesquisa conduzido pelo coletivo LTTR13 (Universidade de Liège), visando esclarecer a gênese e a trajetória de alguns termos pilotos da disciplina linguística recente, propondo-se “englobar sob a etiqueta de “imaginário de um termo” tudo que, paralelamente ao seu emprego teórico, relaciona-se aos valores conotativos ou retóricos (argumentativos, estéticos, éticos, sociológicos) que podem colaborar para a sua emergência e o seu reconhecimento” (Provenzano, 2014) ou, acrescentamos nós, para a sua queda em desgraça. Ver Badir; Polis; Provenzano (2013) para uma apresentação desta abordagem.

A história das ligações de Benveniste com o comunismo é conhecida⁶: ao lado de numerosos outros intelectuais, Benveniste assina, entre julho e outubro de 1925, três declarações veementemente opostas à guerra do Rife: “Os trabalhadores intelectuais ao lado do proletariado contra a guerra do Marrocos”, em 2 de julho de 1925, “A revolução primeiro e sempre!”, em 21 de setembro de 1925, e um apelo “Aos soldados e marinheiros”, no dia 16 de outubro do mesmo ano. Essas declarações foram publicadas no *L’Humanité*⁷ e a segunda aparece também no número 5 da *Revolução surrealista*, com as assinaturas, não somente dos surrealistas, mas dos membros da *Clarté*, *Correspondance*, *Philosophies*. Assim, o jovem professor de letras faz um nome e um lugar entre os militantes comunistas e anticolonialistas da época, que afirmam, na esteira surrealista:

nós somos a revolta do espírito: nós consideramos a Revolução sangrenta como a vingança inelutável do espírito humilhado pelas obras operadas por vocês. Não somos utopistas: esta Revolução, só a concebemos sob sua forma social. Se existe em algum lugar homens que tenham visto se voltar contra eles uma coalisão tal que não haja ninguém que os repreve (traidores de tudo que não seja a Liberdade, insubmissos de todo tipo, prisioneiros de direito comum), que eles não esqueçam que a ideia da Revolução é a melhor e mais eficaz proteção do indivíduo. (“A Revolução primeiro e sempre!”, *A Revolução Surrealista*, nº5, 15 de outubro, 1925, p. 34)

Mas deste período de proximidade com os surrealistas, ele não proferiria nenhuma palavra. Em 1926, recentemente naturalizado francês, ele foi enviado para prestar serviço militar, precisamente no Marrocos⁸, onde, de acordo com Milner (2008, p.122), ele teria se preocupado por causa de suas atividades políticas⁹. Tais atividades cessam rapidamente, bem como suas associações surrealistas, ele sucede a

⁶ Bader (1999), Milner (2008); ver também Bader; Lazard; Lejeune (1979) e Kristeva (2012). A resenha biográfica mais completa é atualmente a de G. Redard (2012), à qual podemos acrescentar, com vantagem, a de Fenoglio (2016).

⁷ Os números do “jornal socialista” de 1904 a 1939, e de uma parte do ano de 1944, estão disponíveis com livre acesso em gallica.bnf.fr

⁸ A guerra do Rife termina em maio de 1926.

⁹ Milner evoca igualmente o fato de que teria sido Benveniste a se esconder atrás de André Simon, o personagem de *La Conspiration*, de Nizan (1938). De fato, Benveniste teria sido preso por violação de segredos militares e é essa circunstância que teria ocasionado o volume *Étrennes de linguistique offertes par quelques amis à Émile Benveniste* (Paris: Paul Geuthner, 1928) oferecido por seus camaradas linguistas, homenagem que teria sido preparada sem o conhecimento de Benveniste, notadamente “pelo seu retorno do serviço militar” (conforme os testemunhos de Claudine Normand e Mohammed Djafar Moïnfar). Tal homenagem não teria servido somente como sinal de amizade e apoio a um jovem linguista (como diversas fontes o relatam) mas – se quisermos seguir um outro rumor – tratava-se de um gesto feito “para defender um jovem recruta anarquista [...] das autoridades militares” (Chevalier & Encrevé, 2006, p.19).

Antoine Meillet na cátedra de gramática comparada da EPHE e o resto será somente linguística. Kristeva relatou várias vezes como Benveniste lhe respondeu, quando ela o indagou sobre suas influências surrealistas, em 1968:

“Professor, que alegria descobrir seu nome entre os signatários de um Manifesto surrealista.
- Lamentável coincidência, professora.”
O sorriso havia desaparecido, um olhar vazio e frio me pregou no chão e eu morri de vergonha diante do grupo de congressistas que nos cercava. Algumas horas mais tarde, e sem testemunhas, o professor me cochichou na orelha: “É claro que era eu, mas não é preciso dizê-lo. Veja que agora estou no Collège de France.” (KRISTEVA, 2012, p. 36)

Há, portanto, uma ruptura dos dizeres de Benveniste, entre um engajamento “de juventude” e o resto de uma carreira que se firma na neutralidade, que se assenta às convenções institucionais. Mas Milner e Provenzano mostraram como o imaginário político da teoria da enunciação jogava contra essa aparente neutralidade. Um outro elemento, de caráter anedótico, testemunha essa dualidade em ação na teoria benvenistiana: a ordenação do *Vocabulário*. De fato, o *Vocabulário das instituições indo-europeias*, última obra cujo percurso editorial, até sua publicação, em 1969, Benveniste pôde seguir, mesmo não fazendo parte, na sua integralidade, do corpus concomitante ao seu engajamento político, parece-nos revelador dos desafios evocados por essa questão do imaginário político. É notadamente sua ordenação que, por essa ótica, colocou questões e problemas: o *Vocabulário* é composto por cinquenta e quatro pequenos “capítulos” distribuídos em seis “livros”, em dois volumes: “Economia, parentesco, sociedade” e “Poder, direito, religião”. Somente o primeiro “livro” (“a economia”) comporta seções (“gado e riqueza”, “dar e tirar”, “a compra”, “as obrigações econômicas”), ao passo que os outros (“O vocabulário do parentesco”, “Os estatutos sociais” e “A realeza e seus privilégios”, “o direito”, “a religião”) são apresentados sem hierarquizações ulteriores.

O plano da obra começa pela economia, para abordar em seguida o sistema de parentesco (em contato do biológico com o social), depois as diferenciações sociais propriamente ditas, a seguir a esfera do político, terminando pelo direito e pela religião. Em suma, é difícil escapar a impressão de que um tal agenciamento de conteúdo não faça alusão a um raciocínio emprestado do materialismo histórico: as infraestruturas, primeiramente (economia, sociedade), a seguir as superestruturas por excelência (política, direito, religião).

Mas é preciso acrescentar que tal interpretação da disposição dos argumentos do *Vocabulário* não é aceita por certos exegetas mais atentos, como Charles Malamoud:

É preciso corrigir imediatamente essa impressão [de que o plano do *Vocabulário* seja elaborado em conformidade com as prescrições do materialismo histórico]: a sucessão dos capítulos não instaura nem causalidade nem hierarquia entre os fatos que são ali estudados. De resto, deve-se insistir nisso, pois a distinção, neste livro mesmo, é às vezes evasiva, os fatos que são questão ali são noções e os vocábulos que as nomeiam. Estando assim no domínio das representações, é impossível isolar o econômico ou de lhe atribuir o papel de instância derradeira. (MALAMOUD, 1971, p.658)

Acrescentamos que um outro informado comentarista de Benveniste, Paolo Fabbri, compartilha do mesmo ponto de vista de Malamoud¹⁰. E, acrescentamos ainda, que o agenciamento dos capítulos foi resultado de um grande trabalho de alinhamento editorial, de maneira que se pode questionar sobre quem seria o autor final¹¹.

A ausência de consenso – e o vigor da argumentação – somente colocam em evidência duas interpretações contraditórias: elas mostram que o desafio é grande e que não diz respeito apenas ao homem Benveniste e seus engajamentos, mas que isso implica de maneira profunda na sua concepção de língua e em sua prática teórica, pelo viés das representações. Finalmente, Provenzano afirma “que ao ler Benveniste pelo viés de uma malha intertextual [tecida a partir do *Vocabulário*, desde os artigos fundadores da teoria da enunciação até os rascunhos manuscritos] não se pode negar que sua teorização da enunciação é atravessada por um imaginário político que, se não se identifica com o marxismo, pelo menos opera a partir de determinados de seus termos¹² ou motivos, em uma série de deslocamentos e mediações que dão sua

¹⁰ Ver a introdução a Benveniste (2009: XI).

¹¹ Os traços de pelo menos três campanhas de reescrita e de reagenciamento em geral do plano da obra (ainda que por três mãos diferentes) são visíveis nas duas cópias datilografadas do *Vocabulário* (BnF, Papiers Orientalistes, caixa 30 e 73). Uma revisão do acervo Benveniste da BnF é feita por Brunet (2012).

¹² Podemos, por exemplo, pensar no emprego do termo “dialética”, no *Vocabulário*. Este termo, fortemente enraizado no imaginário marxista, é empregado várias vezes. Ora, segundo Milner “nem a palavra, nem o adjetivo, nesses tempos longínquos, pertenciam à língua em uso; eles eram admitidos na Universidade somente nos escritos técnicos e filosóficos, ou, fora da Universidade, no contexto da movimentação marxista” (2008, p. 126). Em Benveniste, eles aparecem às vezes de maneira neutra, sem conotação, como no capítulo consagrado ao “escravo e o estrangeiro”: “É sempre porque o que nasceu fora é a priori um inimigo, que o engajamento mútuo é necessário para estabelecer [...] relações de hospitalidade que não seriam concebíveis no próprio interior da comunidade. Esta dialética “amigo-inimigo”, como vimos, já entra na noção de *philos...*” (1969^a, p. 361 [I, Livro 3. Capítulo 5. O escravo e o estrangeiro]), ou em uma opositividade que marca uma progressão, como no capítulo dedicado ao

matéria, sua “carne terminológica” à teoria linguística.” (2014). Essa “carne terminológica” é precisamente a mesma que dá conta de um plano de fundo intelectual politicamente implicado e implicante. Se essa controvérsia é sobretudo alvo de críticas e de ponderações sobre Benveniste, parece-nos que outros elementos substanciais de sua obra revelam, de maneira mais específica, certos aspectos de seu imaginário linguístico, notadamente nas referências ou influências literárias.

3. AS INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS: ÍNDICES ESPARSOS E “CARNE TERMINOLÓGICA”

3.1 BENVENISTE E A LÍNGUA SURREALISTA

Ainda que Benveniste tente fazer esquecer sua assinatura em um tratado surrealista, a questão da língua surrealista, as explorações sintáticas que ela empreendeu e a maneira como interroga o sistema linguístico se colocam como influências do linguista e do seu imaginário linguístico.

A obra de linguística geral de Benveniste não faz referências diretas ao Surrealismo, ele não fez menção de autores, nenhum exemplo de seu corpus vem a sustentar tal demonstração. Somente dois índices traem uma presença surrealista na obra do linguista, que remontam a duas de suas grandes preocupações: a expressão da subjetividade e a relação com o inconsciente.

O primeiro índice é revelado por Aya Ono (2012), em um estudo genético de “A blasfêmia e a eufêmia” (1969b), artigo que Benveniste preparou em 1966 para um colóquio consagrado à “análise da linguagem teológica: o nome de Deus”. Esse assunto era pouco frequentado de um ponto de vista linguístico, portanto as fontes de Benveniste eram pouco numerosas para este estudo. Ono assinala, nas notas preparatórias, somente três obras teóricas¹³, às quais se acrescentam três obras literárias de importância: *Rabelais e seu mundo* (1965) de Mikhail Bakhtin (em inglês, em seus arquivos), *O Erotismo* (1957) de Georges Bataille, e dois textos de Antonin Artaud, *Carta contra a Cabala* (1947) e *O Surrealismo e o fim da era cristã*

sagrado, em que se trata da “dialética dos valores”: “Constatamos, de fato, que o valor religioso de um termo, frequentemente, só é percebido em uma língua. Interessa, então, pesquisar em qual medida este valor é uma sobrevivência, em que medida se constitui um desenvolvimento novo: é precisamente nesta diferenciação e nesta dialética de valores que reside o interesse desta pesquisa” (op.cit. p.180 [II, Livro 3, A religião; Capítulo I. O sagrado]).

¹³ Wilhem Havers, *Neuere Literatur zum Sprachtabu*, Wien: R.M. Rohrer, 1946; Louis Brun-Laloiere, “Interdiction, langage et parole », *Revue de philologie française*, 42 (1930). Nora Galli de Paratesi, *Semantica dell'eufemismo*, Torino : Giappichelli, 1964.

(1945). A presença de Artaud para alimentar a reflexão linguística sobre a blasfêmia é interessante, ele que chamava insistentemente o que “se decide [...] a [o homem] despi-lo para raspar-lhe este animálculo que lhe provoca uma comichão mortal, /deus/ e com deus/seus órgãos.”¹⁴ É claro que o artigo de Benveniste não se transforma em um panfleto ateu e não se reveste dos mesmos ares que os textos de Artaud. Todavia sua explicação introdutória lembra os problemas levantados por Artaud: “blasfema-se o *nome* de Deus, já que tudo o que se possui de Deus é seu *nome*. Somente por aí pode-se atingi-lo, para comovê-lo ou abençoá-lo: pronunciando seu *nome*.” (BENVENISTE, 1969b, p.255). O fato de que deus só possa existir porque é nomeável (é nomeado) completa a descrição feita por Artaud do que ele não é: “se deus é antes de tudo inumerável e insondável, que cessemos primeiro de sondá-lo e de enumerar sem fim todas as sombras de não-ser pelas quais ele está se retirando, seguindo a Cabala, sem retorno ou recurso possível, sombras imediatas do criado.”¹⁵ O nome de deus, que torna possível a sua existência, torna igualmente possível a blasfêmia e, portanto, a negação mesmo, não da sua existência, mas de seu caráter sagrado e, portanto, de sua identidade. Este fenômeno, Benveniste o evoca em termos muito próximos dos que são empregados correntemente pelos surrealistas e, notadamente, por Artaud, quando explica que “a necessidade de transgredir o proibido, profundamente enterrado no inconsciente, encontra saída na jaculação brutal, arrancada pela intensidade do sentimento e que se realiza insultando o divino” (p.257).

As menções da transgressão, violência, explosão, no que podem servir como certa expressividade, parecem, para nós, que constituem um aporte direto da proximidade com as ideias surrealistas, tanto que essas menções são atenuadas – eufemizadas – com relação ao que se pode ler nas notas de trabalho, em que “‘expressão’ e ‘explosão’ são, aliás, utilizadas como sinônimas e podem até substituírem-se sem risco de confusão” (ONO, 2012, p.81). Também lemos nessas notas que:

As exclamações, palavrões, etc. são a língua como “expressão”, como transbordamento, como erupção, sob uma onda de impaciência, de fúria, de surpresa desconcertante, <de decepção selvagem>, de consternação súbita realizada. Temos aqui menos uma produção do que uma explosão. É o primeiro caráter.

¹⁴ Antonin Artaud, *Pour en finir avec le jugement de dieu* [1948], *Oeuvres*, Paris : Quarto Gallimard, 2004, p.1654.

¹⁵ Antonin Artaud, *Lettre contre la Cabbale* [4 juin 1947], *Oeuvres*, Paris : Quarto Gallimard, 2004, p.1524.

O segundo é a revelação de que esta explosão é alimentada por um fogo muito profundo, que queima nos recônditos mais escondidos do subconsciente.

O “transbordamento” e a “erupção” salientadas por Benveniste deixam lugar no texto publicado, portanto, à “jaculação”, ao passo que a “decepção selvagem” se torna uma palavra que vai “escapar” à vigilância do sujeito:

O palavrão é justamente uma palavra que se “deixa escapar” sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, decepção. Mas esta fala não é comunicativa, ela é somente expressiva, ainda que tenha um sentido. (BENVENISTE, 1969b, p. 256)

A blasfêmia interessa então a Benveniste, no que guarda da estrutura de um enunciado clássico, mas que transborda o seu quadro, sendo “somente expressivo”; é, assim, uma pura expressividade contida no discurso, o que ele explica, implicando os afetos: “abordamos aqui o domínio da expressão emocional, ainda tão pouco explorado, que tem suas regras, sua sintaxe, sua elocução” (BENVENISTE, 1969b, p. 256), ou ainda “o palavrão lhe escapou, é uma *descarga emotiva*. Todavia, essa descarga se realiza em fórmulas fixas, inteligíveis e descritíveis.” Esta “descarga emotiva” parece conter tudo o que Artaud quer fazer existir pela língua e parece levar em conta os remorsos que exprimia Breton no *Segundo Manifesto*: “finge-se não perceber muito que o mecanismo lógico da frase se apresenta, ele sozinho, cada vez mais impotente, no homem, para desencadear o abalo emocional que dá realmente algum valor a sua vida.”¹⁶

A atenção dada ao princípio de liberação pela fala e o vocabulário que lhe sustenta permitem, assim, a Benveniste, aliar suas pesquisas linguísticas e suas leituras surrealistas à leitura de Artaud em particular. Além disso, as notas de trabalho revelam que o artigo se fundava em uma vontade de compreender a “sintaxe da emotividade”¹⁷. Essa reflexão sobre a língua, Benveniste a conduz, questionando-se, da mesma maneira como Artaud contesta as leis da língua. Ele também observa em seus rascunhos:

Talvez seja interessante observar como se organiza o espaço discursivo – o “contexto” – que dá origem à blasfêmia. O discurso carnavalesco da Idade Média (os “jogos”, as “farsas”, os “contos populares”) faz testemunho disso. Contestação de Deus e do discurso cristão, o carnaval como sistema semiótico (encenação, descentralização do sujeito, mascarado e injurioso, simbolismo das máscaras e da decoração e sobretudo a linguagem) contesta ao mesmo tempo as leis da língua e da significação. Mesma relação anti-Deus = anti-sujeito = anti-gramática em Artaud. (BnF, Papiers Orientalistes, caixa 52, aprox. 213, fº 256, parte I, citada por ONO, 2012, p.80).

Essa equação paradoxal - que não deixa de evocar a afirmação nietzscheana que associa, ela também, a gramática a Deus – que nega o sujeito pelo fato de negar Deus, cuja existência reside no ato de sua nomeação, mostra novamente o modo como a obra de Artaud

¹⁶ André Breton, *Second manifeste du Surréalisme* [1930], *Oeuvres complètes*, t. I, Paris : Gallimard, 1988, p.802.

¹⁷ BnF, Papiers Orientalistes, caixa 52, env.213, fº 305, citado por Ono (2012, p.79).

trabalha o texto de Benveniste. Isso é ainda mais notável quando Benveniste mostra que a relação supersticiosa com a divindade e com a língua consome a identidade do “nome” e do “ser”: “o nome de Deus não deve passar pela boca, pois o ato de pronunciar imprime um traço no mundo, e o nome é o ser. O nome de Deus é o ser de Deus. É a letra de seu nome que faz sua existência.”¹⁸

A palavra que faz existir o ser mostra que há uma ação sobre o mundo que passa pelo corpo do sujeito falante e, se a questão do corpo é evacuada por deus, ela entra em ressonância com a insistência com a qual Artaud procura os fundamentos e a consistência de seu ser nos interstícios profundos entre seu corpo e sua língua: no e por seu corpo, surge a busca de uma expressão possível e, na e por sua língua, a de diferentes possibilidades de nomeação. O que ele exprime, assim, em “O Surrealismo e o fim da era cristã” (1945):

eu me perguntava porque eu estava lá e o que era estar lá. Eu me pergunto o que sou eu, não eu no meio do meu corpo, pois eu sei que é ‘eu’ que sou eu neste corpo e não um outro, e que não há outro eu que o corpo, nem em meu corpo, mas em que pode consistir este eu que se sente o que se chama ser, ser um ser porque eu tenho um corpo? (Artaud, *Oeuvres*, Paris: Quarto Gallimard, 2004, p.997)

A oposição entre o fato de ser, porque se tem um nome, ou de ser, porque se tem um corpo, faz indagar, fundamentalmente, o lugar e o papel da língua no modo de ser. Benveniste explica várias vezes que “o papel do signo é de representar, de tomar o lugar de outra coisa, evocando-a a título de substituto” (Benveniste, 1969c, p.51), o que não resolve a questão de Artaud, mas mostra que a situação não é aporética: deus é apenas signo, signo sem corpo, ao passo que o ser não reside em um signo, um signo é criado para designá-lo, mas a evocação não equivale à existência. A corporeidade, às vezes dolorosa para Artaud, garante que o sujeito não é redutível a um signo. Desta hiância do sujeito, dividido entre uma linguagem frequentemente infeliz, ao qual o espírito não se submete, e um corpo em sofrimento, nasce uma violência que busca uma escapatória em uma enunciação infralinguística que tem totalidade de uma enunciação pulsional, que se faz na contramão das normas languageiras. Encontra-se a “anti-gramática”, evocada nessas notas tomadas por Benveniste sobre os dois textos de Artaud citados acima, nas quais ele interroga não sobre os nomes nem sobre o ato de nomeação, mas sobre as palavras em sua organização gramatical:

É a gramática que fez a ferida de todas as pretensas grandes ideias da civilização e da cultura, em que o homem se coloca como que em um espertilho que o impede de avançar (“Carta contra a cabala”)

Porquanto as palavras são cacofônicas e a gramática as arranja mal, a gramática que tem medo do mal, porque procura sempre o bem, o bem estar, quando o mal é a base do ser, peste dor da cacofonia, febre infeliz da desarmonia, pústula escara de uma polifonia em que o ser somente está no

¹⁸ BnF, Papiers Orientalistes, caixa 52, env.213, fº 282, citado por Ono (2012, p.79).

mal do ser, sífilis de seu infinito. (“O surrealismo e o fim da era cristã”) (passagens citadas por Ono, 2012, p.80)

O fato de que Benveniste frequenta essas posições radicais de Artaud para a redação de seu artigo permitiria, então, compreender a ideia da blasfêmia e do palavrão como momento de língua que escapa ao sujeito falante, em uma perspectiva que ultrapassa o simples uso linguístico e toca na questão essencial da subjetividade, tal como ela é apreendida pelos surrealistas. Essas notas de trabalho e de leitura permitem, portanto, traçar uma certa filiação, que mostra o modo como Benveniste dialoga à distância com Artaud, que é também um modo de ver a teoria dialogar com a criação literária e de ver ideias próprias do espírito de um tempo se transformar em uma argumentação linguística.

3.2 UM ECO DA TERMINOLOGIA SARTREANA?

Para além desses pontos de contato e de encontro, a questão da passagem das formas de cultura se junta àquela, dominante nos trabalhos de Benveniste, da herança das formas e possibilidades de intervenções sobre essas formas, em uma vontade de negociação do dado.

Sobre isso, Benveniste postula, matizando a filiação saussuriana: se Ferdinand de Saussure afirmava que “em qualquer época e por mais longe que retornemos, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente. [...] De fato, nenhuma sociedade conhece e nunca conheceu a língua de outro modo, a não ser como um produto herdado das gerações precedentes e a ser tomado tal qual” [1916] (1972, p.105), Benveniste, por sua vez, também considera a língua no modo como ela é recebida e na qual ela marca, para o sujeito falante, o pertencimento a uma comunidade, que é, entre outras, a de uma língua que já está lá. Tal é a dimensão social da língua, o que faz Benveniste afirmar, várias vezes, ancorando o paradigma culturalista: como fenômeno cultural, o sistema da língua não decorre em nada do natural. É precisamente o ponto sobre o qual Benveniste destoa das teses saussurianas, rejeitando o conceito do arbitrário do signo para afirmar, em seu lugar, o caráter necessário do signo, que faz com que a língua se imponha, por herança, aos sujeitos falantes.

Ora, na afirmação desse caráter necessário – que rompe com a terminologia habitual – parece-nos que é possível ler um índice que testemunha o fato de que o imaginário linguístico de Benveniste é marcado por questões filosóficas contemporâneas de seus trabalhos, notadamente as que desenvolve Jean-Paul Sartre. De fato, se, conforme Martinowsky (2000) e Milner (2008) estabeleceram, Benveniste levou em conta o ensaio de Sartre intitulado *A transcendência do ego* (1936) no artigo “Da subjetividade na linguagem”, notadamente via fórmula “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque a linguagem sozinha funda, na realidade, em sua realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (1958, p.259), parece-nos que o fato de preferir, um ano após a publicação de *A*

náusea, a ideia de necessidade à de arbitrário, pode ser uma referência ao que é dado ler no romance filosófico de Sartre. Colocar à distância a herança saussuriana sobre a questão do arbitrário não é um ato inócuo e o fato de que Benveniste o faça com o próprio termo a partir do qual Sartre desenvolve a tese da existência, sem nenhuma necessidade, parece-nos revelador do imaginário cultural em ação na obra do linguista.

A *náusea*, obra publicada em abril de 1938, marcou o campo literário da época desde sua publicação. Sua recepção foi comentada por numerosas resenhas, entre as quais a de Nizan e Camus, que acolheram muito favoravelmente a obra na imprensa.¹⁹ De nossa parte, não conhecemos nenhuma prova formal que estabeleça o fato de que Benveniste tenha usado voluntariamente um vocabulário sartreano, mas tentaremos analisar a dialética “necessário/contingente” em ação em “Natureza do signo linguístico” (1939), articulada sobre a consideração da realidade na compreensão do funcionamento do signo como referência cultural implícita.²⁰

Antoine Roquentin, o protagonista de *A náusea*, experimenta física e psiquicamente a náusea quando se rende à evidência de que a existência é destituída de qualquer necessidade, e de que tudo que existe poderia não existir, ou não o ser sob esta forma: a contingência da existência abala a própria percepção da existência. Além disso, é a partir das palavras que esta experiência toma corpo nele:

As palavras estavam desmaiadas e, com elas, a significação das coisas, os modos de emprego, as fracas marcas que os homens traçaram em sua superfície. Eu estava sentado, um pouco curvado, a cabeça baixa, somente diante dessa massa escura e nodosa, inteiramente bruta e que me dava medo. E a seguir tive esta iluminação. Isso me cortou a respiração. Nunca, antes desses últimos dias, eu havia pressentido o que queria dizer “existir”. (Sartre, 1938)

Entre a significação do termo e a sua compreensão intervém, portanto, a experiência filosófica:

Eu era como os outros, como os que passeiam na beira do mar em seus trajes de primavera. Eu dizia, como eles “o mar é verde; aquele ponto branco lá em cima é uma gaivota”, mas eu não sentia que isso existisse, que a gaivota fosse uma “gaivota-existente”; no habitual, a existência se esconde. Ela está lá, em nosso entorno, em nós, ela é nós, não se pode dizer duas palavras sem falar dela e, finalmente, não a tocamos”. (Sartre, 1938)

¹⁹ Ver o comunicado à imprensa recolhido por Michel Contat e Miche Rybalka em *Oeuvres romanesques* de Sartre, nova edição, Paris: Gallimard, 1991, p.1701-1711.

²⁰ O artigo sobre a “Natureza do signo linguístico”, publicado no primeiro número da *Acta Linguistica*, foi o responsável pela “reativação” (Puech, 2003) do debate sobre o primeiro princípio da linguística saussuriana. Este debate, que se revigora nas páginas seguintes desta mesma revista – com intervenções de E. Buyssens, E. Lerch, E. Pichon e de toda a Escola de Genebra (cfe. Spang-Hanssen, 1054) – influenciou de maneira determinante, não somente os estudos saussurianos, mas a construção da corrente estruturalista nas ciências humanas. Ver as notas de De Mauro (Saussure, 1972, p.442-443) para uma primeira apresentação da articulação da questão.

Assim, em Sartre, não somente a palavra não faz existir a coisa, mas o ato de nomeação, ao designar, não faz sentir a própria existência das coisas. A palavra participa na compreensão da contingência do ser, a mesma contingência que torna possível a realização de atos gratuitos, como os que os surrealistas preconizavam em 1928.

Todavia, diante desta palavra sartreana, o signo, por sua vez, é apresentado por Benveniste como sendo precisamente necessário. É reintroduzindo, na ligação do conceito à imagem acústica, a realidade como terceiro termo, ocultado por Saussure, que Benveniste desloca a interpretação do signo para o seu caráter não mais arbitrário, mas necessário:

Acabamos de ver que Saussure considera o signo linguístico como constituído por um significante e um significado. Contudo [...] ele entende por “significado” o conceito. [...] Mas ele garante, logo após, que a natureza do signo é arbitrária, porque ele não tem “nenhuma ligação natural na realidade” com o significado. É evidente que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo que não estava incluído na definição inicial. Este terceiro termo é a coisa mesmo, a realidade (Benveniste, 1939, p. 50).

Revelando esse terceiro termo, cuja presença, de acordo com Benveniste, modifica a interpretação do signo, ele distingue entre “forma” e “substância”, para aplicar à categoria do arbitrário somente o que compete à substância e para fazer do estudo da forma o próprio campo da linguística.

É nisso que a oposição desenvolvida por Benveniste se torna importante: “Entre o significante e o significado, a ligação não é arbitrária; ao contrário, ela é *necessária*.” (op.cit., p.51). Os dois termos, *arbitrário* e *necessário*, vão, então, recobrir dois campos de aplicação distintos: “pode-se delimitar a zona do “arbitrário”. O que é arbitrário é que tal signo, e não outro, seja aplicado a tal elemento da realidade, e não a um outro. Neste sentido, e somente neste sentido, é permitido falar de contingência.” (op.cit., p.52). Mas isso não dá conta da especificidade do signo e é novamente a partir da distinção *forma* (necessária)/*substância* (contingente) que Benveniste vai integrar a necessidade à análise do signo linguístico.

uma vez que é preciso fazer uma abstração da conveniência do signo à realidade, ainda com mais razão, deve-se considerar o valor apenas como um atributo da forma, não da substância. Por conseguinte, dizer que os valores são “relativos” significa que eles são relativos uns aos outros. Ora, não está aí justamente a prova de sua necessidade? (op.cit., p.54)

Benveniste sublinha em que esta mudança terminológica é reveladora de uma mudança de paradigma:

tal anomalia no raciocínio tão cerrado de Saussure não parece imputável a um relaxamento de sua atenção crítica. Eu veria aí, antes, um traço distintivo do pensamento histórico e relativista do fim do século XIX, um tratamento habitual a esta forma da reflexão filosófica que é a inteligência comparativa. Observa-se em diferentes povos as reações que suscitam um mesmo fenômeno: a infinita diversidade de atitudes e julgamentos leva a considerar que nada é aparentemente necessário. Da universal dessemelhança, conclui-se pela universal contingência. (op.cit., p.50-51)

Assim, observamos como certos termos veiculam significações que ligam intimamente uma definição teórica a um plano de fundo cultural, que testemunha um imaginário da língua, entre descrição metódica e contatos culturais que formam também brechas, permitindo inscrever uma certa subjetividade na ordem do discurso.

A questão está diretamente relacionada às influências, à circulação das ideias e conceitos, conforme vimos com o termo da necessidade, pelo qual Benveniste reencontra a herança hegeliana e a faz contrapor à herança saussuriana. Esses termos-chave, algumas vezes cruciais, vão participar, senão de rupturas epistemológicas, ao menos de certas inflexões paradigmáticas, reveladoras de momentos cruciais do modo de pensar a língua. O imaginário linguístico dos linguistas põe em jogo, assim, certos termos que funcionam como pontos de contato, e que são também zonas de trocas, evidenciando a circulação de ideias linguísticas e de práticas de escrita – ainda que, na passagem de um pensamento a outro, a apropriação possa acarretar atrito e distorção. Essas filiações se revelam, então, por uma comunidade de ideias, de pensamentos, mas igualmente, às vezes, por um mesmo vocabulário, pelas mesmas metáforas, por retomadas, de lado e de outro, de tradições lexicais, de idioletos disciplinares e de inspirações particulares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADER, F.. Une anamnèse littéraire d'E. Benveniste. *Incontri linguistici*, 22, p. 11-56, 1999.
- BADER, F., LAZARD, G., LEJEUNE, M. Emile Benveniste (1902-1976). *École Pratique des Hautes Études, IVe Section, Annuaire 1977-1978*, p. 51-77, 1979.
- BADIR, S., POLIS, S., PROVENZANO, F. Dénommer. Regards rhétoriques sur la terminologie linguistique. 2013. Disponível em: URL : <http://hdl.handle.net/2268/170121>
- BENVENISTE, É. Nature du signe linguistique. *Acta Linguistica*, 1, p. 23-29, 1939 (consultado em Benveniste, 1966 : 49-55, cuja numeração de página referimos).
- BENVENISTE, É. De la subjectivité dans le langage. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 55, p. 257-265, 1958 (consultado em Benveniste 1966 : 258-266, cuja numeração de página referimos).
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale*. Paris : Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, É. *Structuralisme et Linguistique*. Entretien de P. Daix avec É. Benveniste. *Les Lettres françaises*, 1242 (24-30 juillet), p. 10-13, 1968 (consultado em Benveniste 1974 : 11-28, cuja numeração de página referimos).
- BENVENISTE, É. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. 1 : *Économie, parenté, société*. 2 : *Pouvoir, droit, religion*. Paris : Éditions de Minuit, 1969a.
- BENVENISTE, É. « La blasphémie et l'euphémie ». *Archivio di filosofia* (« L'analyse du langage théologique. Le nom de Dieu »), p. 71-73, 1969b (consultado em Benveniste 1974 : 54-57, cuja numeração de página referimos).
- BENVENISTE, É. Sémiologie de la langue. *Semiotica*, 1, p. 1-12, 2, p. 127-135, 1969c (consultado em Benveniste, 1974 : 43-66, cuja numeração de página utilizamos).
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris : Gallimard, 1974.
- BENVENISTE, É. *Essere di parola. Semantica, soggettività, cultura* Nova tradução italiana de uma seleção de artigos de Benveniste (1966 ; 1974) éd. par P. Fabbri, Milano : Bruno Mondadori (« Sintesi »), 2009.

- BENVENISTE, É. *Dernières leçons. Collège de France 1968-1969*. Éd. par J.-Cl. Coquet & I. Fenoglio. Paris : EHESS, Gallimard, Seuil (« Hautes Etudes »), 2012.
- BRUNET, É. Les papiers d'Émile Benveniste. Benveniste (2012 : 175-180), 2012.
- CHEVALIER, J.-Cl. & ENCREVE, P. (org.) *Combats pour la linguistique, de Martinet à Kristeva - Essai de dramaturgie épistémologique*. Lyon : ENS Editions (« Langages »), 2006.
- FENOGLIO, I. Le prénom et ses marges, d'Ezra à Émile. I. Fenoglio, J.-Cl. Coquet, J. Kristeva, Ch. Malamoud, P. Quignard, *Autour d'Émile Benveniste. Sur l'écriture*. Paris : Seuil (« Fiction & Cie »), p. 327-376, 2016.
- HOUDEBINE[-Gravaud, A.-M. *La variété et la dynamique d'un français régional (Poitou). Etudes phonologiques. Analyses des facteurs de variation à partir d'enquêtes à grande échelle dans le Département de la Vienne (Poitou)*. Thèse de doctorat d'État, sous la direction d'André Martinet, 3 vol., Paris V, 1979.
- HOUDEBINE, A.-M. L'Imaginaire linguistique : un niveau d'analyse et un point de vue théorique. *L'Imaginaire linguistique*. Éd. par A.-M. Houdebine, Paris : L'Harmattan (« Langue & Parole »), p. 9-18, 2002.
- KRISTEVA, J. Émile Benveniste, un linguiste qui ne dit ni ne cache, mais signifie. Préface à Benveniste (2012 : 13-40), 2012.
- MALAMOUD, Ch. L'oeuvre d'Émile Benveniste : une analyse linguistique des institutions indo-européennes. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, 26e année, N. 3-4, p. 653-663, 1971.
- MARTINOWSKY, G. De l'objectivité dans le langage. *Perceptions et réalisations du moi*, (org.) Mounir Laouyen, Clermont-Ferrand : Presses universitaires Blaise Pascal (« Les cahiers de recherches du CRLMC »), p. 115-136, 2000.
- MILNER, J.-Cl. Benveniste II. Ibat obscurus [2002]. *Le périple structural. Figures et paradigmes*. Nouvelle éd. revue et augmentée. Paris : Editions Verdier (« Verdier poche : philosophie »), p. 121-158 [Paris : Seuil 20021], 2008.
- MOREAU, M.-L. *Sociolinguistique. Les concepts de base*. Sprimont : Mardaga, 1997.
- MORIN, E. *La Méthode. 3. La connaissance de la connaissance*. Paris : Seuil, 1986.
- ONO, A. « Le nom c'est l'être ». Les notes préparatoires d'Émile Benveniste à « La blasphémie et l'euphémie ». *Genesis*, 35 (« Le geste linguistique », dir. par I. Fenoglio), p. 77-86, 2012. Disponible em: URL : <http://journals.openedition.org/genesis/1047>
- PUECH, Ch. L'arbitraire du signe comme « méta-débat » linguistique. *Cahiers de linguistique analogique*, 1 (« Le mot comme signe et comme image : lieux et enjeux de l'iconicité linguistique »), p. 155-171, 2003.
- PROVENZANO, F. L'imaginaire politique de la théorie de l'énonciation. *Langage et société*, 147/1, p. 133-150, 2014. Disponible em: URL : <https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2014-1-page-133.htm>
- RASTIER, F. Le problème épistémologique du contexte et le statut de l'interprétation dans les sciences du langage. *Langages*, 129, p. 97-111, 1998.
- REDARD, G. Bio-bibliographie d'Émile Benveniste. Benveniste (2012 : 151-174), 2012.
- SARTRE, J.-P. La transcendance de l'égo. Esquisse d'une description phénoménologique. *Recherches philosophiques*, 6, p. 85-124, 1936 [editora S. Le Bon de Beauvoir, Paris : J. Vrin 1965, 1978, 1992].
- SARTRE, J.-P. *La nausée*. Paris : Gallimard (« Soleil, 50 ») [J.-P. Sartre, *OEuvres romanesques*. Éd. établie par M. Contat et M. Rybalka avec la collaboration de G. Idt et de G.H. Bauer. Nouvelle éd., Paris : Gallimard, 1991 (« Bibliothèque de la Pléiade »)], 1938.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale* [1916]. Publié par Ch. Bally et A. Sechehaye, avec la collaboration d'A. Riedlinger. Édition critique préparée par T. De Mauro. Paris : Payot Spang-Hanssen, H. (1954), *Recent theories on the nature of the language sign*, Copenhague : Nordisk Sprog-og Kulturforlag (« Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague, 9 »), 1972.